

O BOM PROFESSOR NA PERSPECTIVA DA GERAÇÃO Z: UMA ANÁLISE SOB A PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

Sérgio Andrade ¹ | <https://orcid.org/0000-0001-7916-4785>

Caio Batista ² | <https://orcid.org/0009-0005-0018-6524>

Talita Bezerra ² | <https://orcid.org/0009-0000-4736-8628>

Pedro Nascimento ² | <https://orcid.org/0009-0003-5422-0455>

Submetido: 30/10/2025 | Aprovado: 02/12/2025 | Publicado: 04/09/2026

Editora associada: Dra. Vera Lúcia Cruz

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/2526-2289a2026id9283>

Resumo

Os estudantes que atualmente ingressam nas Instituições de Ensino Superior (IES) pertencem à Geração Z, caracterizada pela intensa exposição à tecnologia desde a infância e por comportamentos e expectativas moldados pelo contexto digital. Diante dessa realidade, esta pesquisa, de abordagem quantitativa e caráter exploratório-descritivo, teve como objetivo identificar as características atribuídas ao bom professor, segundo a percepção dos discentes dos cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas. O instrumento de pesquisa baseou-se em estudos prévios e contemplou dimensões relacionadas ao conhecimento, à didática e ao comportamento docente. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário eletrônico enviado em grupos de WhatsApp do Centro Acadêmico, resultando em 63 respostas, correspondentes a aproximadamente 12% da população-alvo. Os resultados indicaram que as características mais valorizadas pelos alunos são a capacidade de explicar, o domínio teórico, o respeito, a postura amigável e a habilidade de despertar interesse. Observou-se que, embora atributos tradicionais, como conhecimento e didática, permaneçam centrais, os estudantes da Geração Z valorizam especialmente a qualidade das relações interpessoais e a integração entre teoria e prática no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, destaca-se uma crescente expectativa pela incorporação de tecnologias e por posturas docentes mais próximas e horizontais, evidenciando a necessidade de adaptação das práticas pedagógicas às demandas dessa nova geração.

Palavras-chave: Geração Z; bom professor; ensino superior; relação docente-discente; práticas pedagógicas.

THE GOOD TEACHER FROM THE PERSPECTIVE OF GENERATION Z: AN ANALYSIS FROM THE PERCEPTION OF APPLIED SOCIAL SCIENCE STUDENTS

Abstract

Students currently entering Higher Education Institutions (HEIs) belong to Generation Z, characterized by extensive exposure to technology from childhood and by behaviors and expectations shaped by the digital context. In this scenario, this study, with a quantitative and exploratory-descriptive approach, aimed to identify the characteristics attributed to a good teacher, according to the perceptions of students enrolled in Social Sciences programs. The research instrument was based on previous studies and encompassed dimensions related to knowledge, teaching methodology, and teacher behavior. Data were collected through an electronic questionnaire distributed via WhatsApp groups, resulting in 63 responses, corresponding to approximately 12% of the target population. The results indicate that the most valued characteristics among students are the ability to explain clearly, theoretical mastery, respectfulness, friendliness, and

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

² Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

the ability to stimulate interest. Although traditional attributes such as knowledge and teaching skills remain central, Generation Z students particularly value the quality of interpersonal relationships and the integration of theory and practice in the teaching-learning process. Furthermore, the findings highlight a growing expectation for the incorporation of technology and for more approachable and horizontal teacher attitudes, emphasizing the need to adapt pedagogical practices to the demands of this new generation.

Keywords: Generation Z; good teacher; higher education; teacher-student relationship; pedagogical practices.

1 INTRODUÇÃO

Pesquisas realizadas ao longo dos anos buscaram identificar quais são as características de um bom professor (ou professor exemplar) sob a ótica discente (Marsh, 1991; Lowman, 2007; Pan *et al.*, 2009; Cruz, 2023). Contudo, investigações científicas dessa natureza encontram, em si mesmas, motivação para prosseguir, uma vez que o perfil de um bom professor para determinado público pode não ser igual para outro (Reichel; Arnon, 2009), o que proporciona uma série de novas pesquisas ao alterar o público-alvo de acordo com suas características (gênero, idade, cultura etc.), visando obter a convergência dos resultados.

Dentre os fatores que podem influenciar a opinião discente, observa-se que a geração a que os alunos pertencem torna-se um ponto relevante a ser analisado. Os integrantes da Geração Z (também chamados de Nativos Digitais) apresentam características típicas de sua época, pois tiveram contato com a tecnologia (computadores, videogames etc.) desde a infância, o que lhes confere maior facilidade ao lidar com novas tecnologias (Santos; Lisboa, 2014).

No entanto, a Geração Z que ingressa no ensino superior defronta-se com docentes de gerações anteriores (Geração Y ou Millennials), que não tiveram a mesma formação tecnológica, por terem se desenvolvido em um período em que a tecnologia era limitada em comparação à atual (Chowdhury *et al.*, 2023). Nesse (des)encontro de gerações, podem ocorrer divergências, pois os professores desejam ensinar baseados nos modelos com os quais aprenderam, enquanto os alunos esperam um aprendizado diferente do ofertado (Prensky, 2001). Nesse impasse, essa nova geração poderia definir novos critérios e características para o perfil de um bom professor, divergindo, assim, das gerações anteriores.

Neste sentido, esta pesquisa busca trazer algumas luzes sobre as qualidades que os alunos consideram pertinentes a um bom professor. Dessa forma, a investigação é norteada pela seguinte questão de pesquisa: **“Quais as características do bom professor sob a ótica dos discentes da área de Ciências Sociais Aplicadas da geração Z?”** Objetiva-se com esta investigação definir as características que os discentes da geração Z, matriculados nos cursos de Ciências Econômicas e Administração, atribuem ao bom professor.

Esta investigação justifica-se por oferecer subsídios aos docentes acerca dos atributos mais valorizados pelos alunos da nova geração. Ao compreender essas preferências, os professores poderão refletir sobre sua prática pedagógica e buscar aperfeiçoá-la. A identificação dessas características permitirá delinear os principais aspectos a serem desenvolvidos, favorecendo maior sintonia entre o perfil docente e as expectativas dos estudantes contemporâneos.

Nesse ínterim, Katende e Namutebi (2024), por meio de um estudo empírico com estudantes de graduação e pós-graduação, mostraram que os discentes avaliam atributos dos docentes, como interatividade, respeito à diversidade e comunicação de expectativas — e que esses dados são considerados relevantes para a garantia da qualidade do ensino.

Ressalta-se que, ao longo dos anos, algumas críticas foram levantadas quanto à competência dos alunos em realizar tal avaliação, argumentando-se que seriam imaturos e lhes faltaria experiência para tal análise, sendo restrita apenas a outros professores (pares) a capacidade de executar esse julgamento. Contudo, a literatura demonstrou que não há fundamento para essa conclusão, sendo tal afirmativa apenas um mito (Aleamoni, 1999).

Neste sentido, Quansah *et al.* (2024), por meio de uma revisão sistemática, discutiram a avaliação de ensino realizada por estudantes universitários, incluindo o uso desses dados para decisões acadêmicas (promoção, desenvolvimento docente etc.) e as questões de validade dessa prática, concluindo que os estudantes têm capacidade cognitiva e experiência para avaliar características do ensino e dos professores na educação superior.

Baseando-se nos resultados dessas pesquisas e em seus fundamentos, este estudo utilizou dados coletados junto aos discentes dos cursos de Ciências Econômicas e Administração de um campus avançado de uma universidade federal localizado na cidade de Caruaru, polo do Agreste do estado de Pernambuco.

É imprescindível destacar que a avaliação docente observada neste trabalho se restringe à atuação como professor (educador), pois os docentes são constantemente submetidos a avaliações relativas à sua performance em sala de aula, no trabalho como educadores, bem como quanto ao desempenho como pesquisadores, analisando níveis de publicações em periódicos e eventos científicos. Sob essa perspectiva, a avaliação para cada uma dessas abordagens deve ser diferente, pois excelentes professores podem não ter o mesmo sucesso na área de pesquisa (Marsh; Hattie, 2002).

Considerando esse contexto, a investigação deste trabalho será direcionada somente à atuação do professor no processo de ensino-aprendizagem, não sendo considerada a produção

científica. Não que esta não mereça atenção, mas o foco da pesquisa não permite a avaliação do docente enquanto pesquisador.

Como principal achado, esta pesquisa antecipa que, mesmo com a competência técnica permanecendo soberana, a Geração Z define uma mudança de paradigma ao valorizar as habilidades interpessoais e a integração tecnológica como fatores mais determinantes na avaliação docente. Observou-se também uma correlação significativa de gênero, na qual o público feminino demonstrou valorização estatisticamente superior das ferramentas tecnológicas em comparação ao masculino, evidenciando diferenças intrageracionais até então pouco exploradas.

Além disso, as principais contribuições deste estudo consistem em ampliar o debate sobre o perfil do bom professor a partir da ótica de uma geração marcada pela intensa relação com tecnologias digitais, evidenciar a centralidade do relacionamento interpessoal e da integração entre teoria e prática como dimensões relevantes no processo de ensino-aprendizagem atual.

Para melhor organização, este artigo está estruturado em cinco seções: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Análise dos Dados e Considerações Finais, nas quais são apresentados os resultados, as limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A avaliação que o aluno faz do bom professor pode sofrer influências de fatores que vão além dos aspectos didáticos, podendo incluir até mesmo fatores culturais (Reichel; Arnon, 2009). Greenwald e Gillmore (1997), ao analisar os fatores que podem influenciar a avaliação do docente, apontam que o desempenho dos estudantes nas avaliações impacta na avaliação do professor. Dessa forma, se os alunos obtêm boas notas com determinado professor, tendem a atribuir a ele um melhor score. Contudo, não há consenso na literatura sobre esse achado, pois Pan *et al.* (2009) apresentaram resultados contrários a essa influência.

Mesmo considerando essa inconsistência encontrada na literatura, não há risco de contaminação dos resultados da avaliação discente na presente pesquisa, visto que esta não analisou um professor em específico, mas solicitou uma avaliação geral das características de um bom professor (ou professor de referência).

Na definição das características do bom professor, já foram utilizadas pesquisas tanto com abordagens qualitativas (Pan *et al.*, 2009) quanto quantitativas, com uso de ferramentas

estatísticas (Marsh, 1991). Independentemente da abordagem metodológica, as pesquisas apresentam alguns pontos convergentes, principalmente no tocante a certas características, como conhecimento profundo e facilidade de comunicação do conteúdo.

Considerando que cada característica é uma variável, e sendo assim, ter-se-ia uma infinidade de variáveis para analisar, alguns pesquisadores (Marsh, 1991; Amaral *et al.*, 2006) utilizaram a análise fatorial para criar pequenos agrupamentos de variáveis (fatores ou constructos). Marsh (1991) argumenta que, com um número pequeno de fatores — dois ou três —, é possível abarcar todas as características atribuídas aos bons professores. Contudo, outras pesquisas apresentam múltiplas dimensões.

Como se pode verificar, as investigações sobre esse tema já são realizadas há algumas décadas. Portanto, é possível encontrar na literatura existente as características dos bons professores com base em pesquisas realizadas com gerações anteriores. O presente trabalho não tem a pretensão de ser o ponto final dessas pesquisas, nem de modificar a visão sobre os resultados obtidos até então. Seu objetivo é, sim, complementar ou contribuir com os achados de pesquisas empíricas já realizadas, considerando fatores pertinentes a uma nova geração, que possui uma relação com a tecnologia bastante distinta das demais, afetando a forma como se relacionam e como aprendem.

No decorrer deste referencial, serão apresentadas algumas abordagens já consolidadas na literatura, analisando o enfoque dado ao tema e as contribuições que podem ser verificadas a partir desses trabalhos.

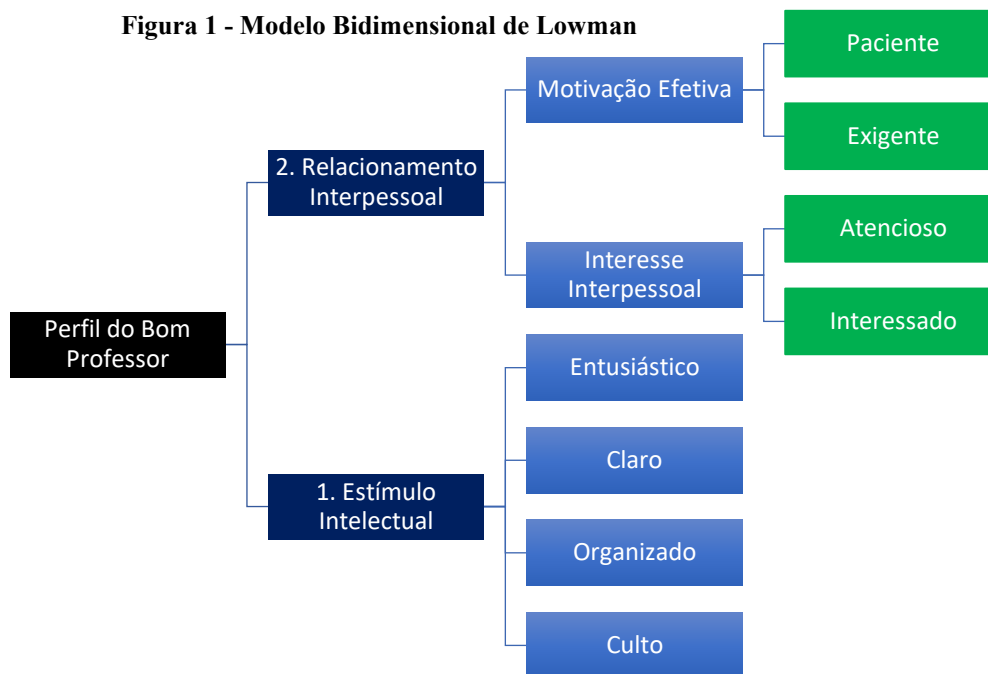
2.1 CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR

Vários autores têm abordado as competências essenciais para o ensino em instituições de ensino superior. Nesse contexto, Cerqueira (2024) destaca que o professor deve possuir formação acadêmica consistente na área de atuação, habilidades didáticas, domínio da língua portuguesa e atualização constante de seus conhecimentos.

Em suas pesquisas, Lowman (2007) propôs um modelo bidimensional de efetividade do ensino, desenvolvido a partir da análise de 25 professores considerados exemplares. Essas observações foram realizadas no início da década de 1980, abrangendo diferentes disciplinas ministradas em faculdades localizadas na Carolina do Norte e na região da Nova Inglaterra.

De acordo com esse modelo bidimensional, a qualidade do ensino está diretamente ligada à capacidade do professor universitário de promover tanto o estímulo intelectual quanto a empatia interpessoal com seus alunos. Dessa forma, o docente que demonstra domínio nessas

duas dimensões tende a ser amplamente reconhecido como um professor de excelência, conforme descrito na Figura 1 abaixo:



Fonte: Adaptado de Lowman (2007, p. 50).

Segundo Lowman (2007), o estímulo intelectual envolve dois aspectos principais: a clareza na apresentação do professor e sua capacidade de provocar impacto emocional nos estudantes. Parte-se, portanto, do pressuposto de que o docente domina o conteúdo que leciona. Quando o professor demonstra domínio do assunto e consegue transmiti-lo de forma clara, aumenta significativamente as chances de alcançar o objetivo de promover a aprendizagem. Contudo, conhecer o conteúdo não se resume a memorizar informações isoladas; é essencial que o docente seja capaz de explorá-lo sob diferentes perspectivas, analisando, comparando e confrontando conceitos de maneira crítica e aprofundada (Lowman, 2007).

Além de transmitir os conteúdos com clareza, o professor considerado exemplar deve engajar os alunos, utilizando a voz, os gestos e os movimentos corporais como recursos para captar e manter a atenção, além de despertar emoções nos estudantes (Lowman, 2007). Nesse sentido, a clareza na comunicação, o uso de recursos pedagógicos e o estabelecimento de um vínculo de confiança configuram habilidades igualmente essenciais (Santana, 2025).

Para Melo *et al.* (2019), envolver os alunos em sala de aula é uma tarefa desafiadora, já que o ambiente está repleto de estímulos e distrações que competem pela atenção dos

estudantes. Essa dificuldade se intensifica quando o próprio aluno chega à aula já fadigado pela rotina de trabalho, o que compromete significativamente sua capacidade de concentração. Em consonância com essa visão, estudos indicam que estudantes que trabalham ou estagiam tendem a apresentar desempenho acadêmico inferior — medido pela média acumulada — em relação aos colegas que não exercem atividades profissionais, devido ao tempo mais limitado para se dedicar aos estudos (Cunha *et al.*, 2010).

Ao refletir sobre essa segunda dimensão, é comum que venham à mente lembranças de professores que mantinham uma postura mais próxima dos alunos, contrastando com aqueles que adotavam uma atitude mais distante, utilizando sua posição de liderança em sala de aula para estabelecer uma barreira no relacionamento com os estudantes. Esse afastamento pode influenciar negativamente o desenvolvimento da disciplina, desviando-a dos objetivos propostos pelo docente, especialmente quando o aluno passa a priorizar apenas a obtenção de notas em detrimento do aprendizado. Para Farias *et al.* (2010), uma possível solução está na atuação do professor como parceiro no processo de ensino-aprendizagem, o que tende a gerar resultados mais positivos.

A segunda dimensão do modelo bidimensional refere-se ao relacionamento interpessoal. De acordo com Lowman (2007, p. 44), as salas de aula constituem “arenas interpessoais complexas, nas quais uma variedade de reações emocionais pode influenciar tanto o quanto se aprende quanto a forma como os participantes se sentem em relação a isso”. Essa dimensão aborda a sensibilidade do professor diante das dinâmicas interpessoais presentes em sala, destacando que sua habilidade de comunicação com os alunos pode aumentar a motivação e o envolvimento, contribuindo significativamente para o processo de aprendizagem.

Nesse contexto, Lowman (2007) propõe duas estratégias: a primeira consiste em evitar estímulos emocionais negativos, como ansiedade e hostilidade direcionadas ao professor; a segunda, em promover emoções positivas, fazendo com que os alunos se sintam respeitados e reconhecidos como indivíduos capazes.

Entre as diversas competências necessárias ao ensino no século XXI, Perrenoud (2000) destaca a importância do uso das novas tecnologias. Segundo o autor, é indispensável considerar a realidade do mundo contemporâneo, incorporando, sempre que possível, os recursos tecnológicos ao ambiente escolar. Perrenoud (2000) enfatiza ainda que a formação docente deve contemplar, de forma específica, habilidades como o uso de ferramentas multimídia no processo de ensino e a comunicação a distância por meio da telemática, entre outras competências associadas às tecnologias da informação e comunicação.

As capacitações docentes incluem o uso de ferramentas multimídia no processo de ensino, a comunicação a distância por meio da telemática e outros recursos disponibilizados pelas tecnologias digitais, melhorando o processo de ensino e oferecendo abordagens pedagógicas adaptadas às necessidades dos alunos contemporâneos (Barros *et al.*, 2025).

Neste mesmo sentido, Coelho *et al.* (2014) afirmaram que se torna cada vez mais necessário que o docente se aproprie dos recursos tecnológicos, dinamizando o processo de ensino-aprendizagem de acordo com o mundo atual. Dessa forma, para Barros *et al.* (2025), os recursos multimídia têm o potencial de transformar positivamente a prática docente e ampliar as possibilidades educativas.

Em concordância, Kemshal Bell (2001), ao analisar as competências necessárias para o professor online, destaca a presença da variável “domínio de tecnologia” como uma das habilidades técnicas imprescindíveis ao docente (como utilizar e-mail, chat, conteúdos web etc.). Dessa forma, a incorporação das novas tecnologias da informação e comunicação na educação traz benefícios tanto para o docente quanto para os processos de aprendizagem, proporcionando novas formas de ensinar e, principalmente, de aprender (Silva; Altino Filho, 2017).

Ao investigar o uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, Whale (2006) observou que apenas 20% das escolas analisadas incluíam esse aspecto na avaliação docente — com perguntas relacionadas ao uso da internet, materiais eletrônicos e outros recursos digitais. Nesse viés, compreende-se que os benefícios dos recursos multimídia são amplos. Em primeiro lugar, eles tornam o aprendizado mais engajador (Barros, 2025).

Após a apresentação das características do bom professor discutidas na literatura atual, o próximo tópico se dedicará à análise de alguns estudos que investigaram esse tema.

2.2 ANÁLISES COMPARATIVAS: CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL

Estudo promovido por Camfield e Bayers (2023) enfatizou a necessidade de uma abordagem pedagógica compassiva, inclusiva e centrada no estudante, destacando como preconceitos e estereótipos podem atrapalhar o desenvolvimento da relação professor–aluno e sugerindo práticas empáticas para promover a aprendizagem e o bem-estar.

Já Chism (2006), ao analisar programas de premiação docente nos Estados Unidos, identificou como mais recorrentes as seguintes características atribuídas aos professores considerados exemplares: (a) habilidades de comunicação; (b) organização; (c) altos padrões

de ensino; (d) definição clara de objetivos; (e) entusiasmo; (f) uso de estratégias para engajar os estudantes; e (g) foco no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores. O autor observa que outras qualidades, embora mencionadas com menor frequência, também aparecem, como o respeito à diversidade e o uso de tecnologias. Ainda segundo o estudo, outros critérios frequentemente destacados incluem a capacidade do professor de “estimular os alunos e envolvê-los na busca do conhecimento e da compreensão, motivá-los e demonstrar preocupação com seu desenvolvimento pessoal e intelectual” (Chism, 2006, p. 594).

Cruz *et al.* (2017), com base no modelo de Lowman (2004), investigaram o perfil do bom professor junto a 151 alunos do Brasil e de Portugal. Os brasileiros valorizaram domínio do conteúdo, didática e clareza, enquanto os portugueses destacaram também a integração entre teoria e prática. Conclui-se que um bom professor deve planejar, dominar a matéria, aplicar estratégias didáticas eficazes e favorecer a motivação dos alunos.

Pan *et al.* (2009) analisaram as avaliações escritas realizadas por estudantes da National University of Singapore a respeito de seus professores. Com base nesses dados, os autores selecionaram os docentes mais bem avaliados e identificaram os 20 descritores positivos mais recorrentes nas avaliações, agrupando-os conforme sua frequência de menção. Entre as dez principais características identificadas, destacam-se aspectos relacionados ao conhecimento, à didática e ao relacionamento interpessoal com os alunos, tais como: a capacidade de despertar o interesse, ser acessível, explicar com clareza, demonstrar domínio do conteúdo, estar disposto a ajudar, ser amigável e paciente. Tais atributos, portanto, estão em consonância com elementos já apontados por Lowman (2007).

Oliveira e Silva (2012), ao realizar uma revisão sistemática sobre docentes universitários na área acadêmica em geral, destacaram, entre as principais características, o relacionamento positivo com alunos, a comunicação eficiente, a empatia e a participação e envolvimento. Tais habilidades sociais são vistas como tão relevantes quanto as competências científicas.

Em estudo realizado com estudantes brasileiros, Plutarco e Gradvohl (2010) identificaram, por meio de uma escala de 1 (sem importância) a 10 (muito importante), as médias atribuídas pelos discentes do curso de Administração às competências docentes. Os resultados revelaram as seguintes pontuações: Didática (8,89), Conhecimento Teórico (8,25), Experiência de Mercado (8,15), Exigência (7,78) e Relacionamento (7,75).

Em síntese, é possível observar que as pesquisas apresentadas convergem em diversos aspectos, destacando-se características como didática, domínio do conteúdo (conhecimento e

experiência), habilidade para despertar o interesse e manter a atenção dos alunos, além de um relacionamento positivo, paciência e disposição para ajudar, entre outras.

Após analisar as características do bom professor presentes na literatura, o próximo tópico tem como objetivo aprofundar o entendimento sobre as particularidades da Geração Z, que constitui a maior parte do público discente universitário (BRASIL, 2023).

2.3 ESTUDOS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DOS ESTUDANTES DA GERAÇÃO Z

A Geração Z é também conhecida como nativos digitais, geração on-line, geração líquida, geração internet, geração pontocom, geração conectada, geração Facebook, geração silenciosa, entre outras denominações (Csobanka, 2016). Essa geração é composta por pessoas nascidas a partir de 1990 (Melo *et al.*, 2019).

Investigações científicas recentes definiram algumas das características marcantes dos integrantes da Geração Z (ou nativos digitais) nos últimos anos. Nesse sentido, sob a ótica de Santos e Lisboa (2014), destacam-se características como imediatismo e facilidade na compreensão de novos conteúdos. Ainda é destacada por Kapil e Roy (2014) a característica de multitarefas, que os leva a realizar diversas atividades de forma simultânea.

De outro ponto de vista, Jones (2012) cita que os indivíduos desta geração tendem a mudar de atenção rapidamente. O autor enfatiza que a concentração se altera com facilidade, passando de uma atividade para outra em segundos, reforçando a ideia de multitarefas.

Em relação à infância desses indivíduos, observa-se que aprenderam a manusear computadores, celulares, videogames etc., sempre tendo à disposição navegadores web, mensagens instantâneas, banda larga e comunicação sem fio (Kapil; Roy, 2014).

Outra característica decorrente dessa familiaridade com a tecnologia é o desenvolvimento de capacidades e habilidades relacionadas a esses estímulos (Santos e Lisboa, 2014). Segundo Chan e Lee (2023), esses indivíduos valorizam aprendizagem personalizada e flexível, com suporte de tecnologias que facilitem o estudo autônomo.

Dessa forma, uma característica marcante da Geração Z é o uso intenso de tecnologia. Essa geração apresenta maior necessidade de acesso a redes sociais, computadores, smartphones, mensagens instantâneas e outros recursos tecnológicos, dedicando várias horas diárias a essas atividades. Por terem crescido imersos nesse ambiente tecnológico desde a infância — começando, por exemplo, com videogames —, adquiriram familiaridade e domínio dessas ferramentas superiores aos das gerações anteriores. Como consequência, a forma como se relacionam com os meios digitais alterou também o relacionamento com o trabalho, já que

os indivíduos da Geração Z buscam felicidade e prazer em suas atividades laborais (Ozkan e Solmaz, 2015).

No tocante à liderança, Colet *et al.* (2015) destacam que eles almejam cargos de liderança a curto prazo, o que os diferencia das demais gerações. Nesse sentido, preferem liderar em empresas inovadoras, com novos modelos de negócios, como, por exemplo, startups (Melo *et al.*, 2019).

Em resumo, pelos resultados expostos anteriormente, pode-se esperar que essa geração seja composta por indivíduos voltados para um trabalho mais orgânico, com muita vontade de crescer, autoconfiantes e proficientes em tecnologia. Por apresentarem características marcantes que as diferenciam das gerações anteriores, é possível que atribuam ao bom professor características específicas, com uma visão distinta das gerações passadas, o que reforça a relevância desta investigação.

Após a apresentação dos estudos anteriores sobre as características da Geração Z, o próximo tópico concentra-se na descrição dos aspectos metodológicos, incluindo classificação, abordagem, métodos e técnicas de pesquisa adotados, entre outros elementos que estruturam a organização do trabalho científico.

3 PROCEDER METODOLÓGICO

A presente pesquisa adotou uma abordagem exploratória-descritiva, buscando delinear as principais características atribuídas ao bom professor na percepção dos discentes dos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Administrativas. Ademais, propõe-se identificar o surgimento de novas variáveis associadas às transformações geracionais, especialmente aquelas decorrentes da crescente exposição à tecnologia.

A coleta de dados foi realizada por meio de questionário eletrônico, disponibilizado em forma de link, o qual foi preenchido pelos respondentes diretamente na plataforma *Google Forms*. Os alunos foram convidados a participar da pesquisa por meio de mensagem enviada via aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*, no período de 17 a 25 de julho de 2025.

A tela inicial do questionário apresentava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que informava aos alunos sobre a finalidade do estudo, assegurava o sigilo dos dados e fornecia telefone e e-mail para contato com os pesquisadores. Caso concordassem em participar da pesquisa, os estudantes clicavam em um link e eram direcionados ao questionário. Asseverando este procedimento, Prodanov e Freitas (2013) afirmam que,

atualmente, os pesquisadores têm utilizado meios eletrônicos para facilitar, agilizar e reduzir os custos das pesquisas.

O questionário foi dividido em duas partes. Na primeira, os alunos respondiam a questões referentes ao seu perfil pessoal, profissional e acadêmico (gênero, idade, atuação profissional, graduação cursada, entre outras informações). Em seguida, eram direcionados para as afirmativas sobre as características consideradas importantes em um bom professor.

As afirmativas foram construídas com base nos estudos de Lowman (2007), Marsh (1991), Pan *et al.* (2009) e Melo *et al.* (2012), que abordam características associadas a bons professores. Além disso, foram adicionadas questões relacionadas ao uso de tecnologias, fundamentadas nas contribuições de Whale (2006), Kemshal-Bell (2001) e novamente Melo *et al.* (2012). Por fim, decidiu-se incluir também aspectos relacionados à aparência física dos docentes — como tom de voz e asseio pessoal — a partir de adaptações da pesquisa de Melo *et al.* (2012).

As afirmativas foram respondidas em uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos (de 1 – totalmente irrelevante até 5 – totalmente relevante), na qual o respondente indicava a relevância de cada afirmativa para o perfil do bom professor. O público-alvo da pesquisa foi composto por alunos dos cursos de graduação em Ciências Econômicas e Ciências Administrativas, de um centro acadêmico de uma universidade federal situada na cidade de Caruaru, no agreste do estado de Pernambuco.

Este questionário foi validado por três professores da área de Ciências Sociais Aplicadas, sendo dois com titulação de doutorado e um com titulação de mestrado. A formação acadêmica dos docentes incluía bacharelados em Administração, Ciências Econômicas e Ciências Contábeis, respectivamente, representando assim três formações distintas dentro da grande área das Ciências Sociais Aplicadas.

A população para a qual o formulário foi enviado era composta por 525 alunos; contudo, foram recebidos 63 questionários, correspondendo a aproximadamente 12% de retorno. Não se permite, portanto, uma generalização ampla dos resultados devido ao baixo índice de respostas, mas o estudo oferece um panorama da visão desses estudantes sobre o perfil do bom professor na perspectiva da Geração Z.

No processo de análise dos dados, utilizou-se o software *RStudio*, versão 2025.05.1+513, além do *Microsoft Excel* para tabulação dos dados e geração de tabelas e quadros para efeitos de estatística descritiva. Algumas das técnicas estatísticas aplicadas estão demonstradas a seguir (Tabela 1), sendo justificadas as razões que levaram à sua escolha.

Tabela 1 – Testes estatísticos utilizados

Estatística	Finalidade
Descritiva (Frequência, Média, Desvio Padrão)	Caracterizar o perfil da amostra (gênero, idade, curso etc.) e identificar as tendências gerais na percepção dos alunos, hierarquizando os fatores mais e menos valorizados.
Alfa de <i>Cronbach</i>	Analisar a consistência interna e a confiabilidade de cada um dos quatro fatores teóricos (Planejamento, Relacionamento etc.), garantindo que os itens de cada grupo medem o mesmo conceito.
Correlação de <i>Spearman</i> (Intra-fatores) (Perfil vs. Fatores)	Validar a estrutura dos fatores, verificando se as perguntas que foram agrupadas em um mesmo fator estavam positivamente correlacionadas entre si. Investigar se existe uma relação de tendência entre as características do perfil do aluno (ex.: idade, período no curso) e a importância que ele atribui a cada um dos quatro fatores.

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Após a explicitação do processo de coleta de dados e dos procedimentos estatísticos adotados, apresentam-se, a seguir, as características da amostra investigada, com o objetivo de delinear o perfil dos respondentes.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

4.1 PERFIL DOS RESPONDENTES

Nesta pesquisa os respondentes foram 63 alunos dos cursos de Ciências Econômicas e Ciências Administrativas do campus do Agreste da referida universidade federal, sendo que 71% eram alunos de Administração e 29% alunos de Economia. Quanto ao gênero, 48% pertenciam ao gênero feminino, enquanto 52% pertenciam ao gênero masculino.

Em relação à idade, a grande maioria dos alunos concentrou-se na faixa etária entre 18 e 23 anos (Tabela 2), considerando o conceito de Geração Z como os indivíduos nascidos entre 1995 e 2010 (Meirinhos, 2015).

Tabela 2 – Faixa etária dos respondentes

Faixa Etária	Fi	Fi%
18 a 20 anos	32	51%
21 a 23 anos	22	35%
24 a 25 anos	5	8%
26 a 30 anos	2	3%
Menos de 18 anos	2	3%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

A respeito do tipo de escola em que cursaram o ensino médio, os respondentes indicaram, em sua maioria absoluta, ter estudado em escola pública, conforme apresentado na Tabela 3. Esse resultado parece configurar um padrão nas universidades federais após a adoção de políticas sociais de inclusão voltadas a classes menos favorecidas. Segundo Lobregatte (2024), dados da PNAD Educação, do IBGE, indicam que 72,6% dos estudantes que cursam ou já cursaram o ensino superior no Brasil vieram de escolas públicas, refletindo os efeitos das políticas de cotas e da assistência estudantil.

Tabela 3 – Tipos de escola

Tipo de Escola	Fi	Fi%
Escola particular	6	10%
Escola pública	57	90%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Quando questionados sobre a série em que se encontravam matriculados, verificou-se que os alunos do 1º e do 3º ano representaram conjuntamente 57% do total de respondentes. Esse dado indica que a maior parte da amostra está concentrada em etapas iniciais do curso de graduação, ainda em fase de adaptação à vida universitária e ao currículo específico da formação escolhida. A distribuição detalhada por ano de curso está apresentada na Tabela 4, a seguir, permitindo visualizar com maior clareza a proporção de alunos em cada período letivo.

Tabela 4 – Período do Curso

Período da Graduação	Fi	Fi %
Do 1º ao 3º	36	57%
Do 4º ao 6º	17	27%
Do 7º ao 9º	10	16%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere às atividades realizadas fora da sala de aula, 57% dos respondentes informaram que, além de estudar, exercem atividades remuneradas fora do ambiente acadêmico (Tabela 5). Esse dado, entretanto, apresenta-se discrepante em relação às informações da PNAD Educação, do IBGE (2025), segundo a qual apenas 16,4% dos jovens de 15 a 29 anos trabalhavam e estudavam simultaneamente em 2024.

Tabela 5 – Perfil profissional dos respondentes

Atuação Profissional	Fi	Fi %
Somente Estudo	26	41%
Estudo e trabalho até 20 horas por semana	18	29%
Estudo e trabalho até 30 horas por semana	10	16%
Estudo e trabalho mais que 30 horas por semana	9	14%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

No que se refere ao curso em que os respondentes estão matriculados, observou-se que a maior parte (71%) declarou ser estudante da graduação em Administração. Esse dado reflete uma proporção bastante semelhante àquela registrada oficialmente pela universidade para o núcleo de gestão do campus, que contabiliza aproximadamente 510 alunos considerando ambas as graduações oferecidas. Essa predominância de estudantes de Administração na amostra é importante, pois pode influenciar a percepção sobre o perfil do bom professor, dado que diferentes cursos podem demandar habilidades e expectativas distintas quanto ao corpo docente. Além disso, a distribuição dos participantes entre as graduações permite ter uma visão mais representativa do universo acadêmico do campus, ainda que os números evidenciem uma maior concentração em Administração em comparação à graduação em Ciências Econômicas, conforme Tabela 6 abaixo:

Tabela 6 – Graduação cursada

Curso	Fi	Fi %
Administração	45	71%
Economia	18	29%
Total	63	100%

Fonte: Dados da Pesquisa (2025)

Após a apresentação sucinta do perfil dos respondentes, considerando faixa etária, série do curso e atuação profissional, o próximo tópico abordará os resultados obtidos a partir da análise dos dados referentes às características atribuídas ao bom professor, segundo a percepção dos discentes participantes da pesquisa.

4.2 ANÁLISE DAS CARACTERÍSTICAS DO BOM PROFESSOR

Iniciando a análise dos resultados da pesquisa, calcularam-se as médias de todos os itens do questionário, bem como seus respectivos desvios-padrão e outras medidas da estatística descritiva, incluindo mediana, valor mínimo, valor máximo e soma. Os resultados obtidos estão apresentados de forma detalhada no Quadro 1, permitindo uma visualização clara da distribuição e da variabilidade das respostas dos participantes.

Quadro 1 – Características do Bom Professor

Nº	Característica	Média	Desvio-padrão	Mediana
1	Capacidade de explicar (clareza nas explicações)	4,79	0,45	5
2	Conhecimento da Teoria (domínio do conteúdo)	4,59	0,5	5
3	Ser respeitoso e Amigável	4,3	0,85	5
4	Capacidade de despertar interesse	4,29	0,75	4
5	Ligação entre teoria e prática	4,22	0,77	4
6	Demonstrar preparo antecipado para o desenvolvimento das atividades em sala	4,1	0,84	4
7	Ser atencioso, Compreensível e Paciente	4,03	0,86	4
8	Entusiasmo para transmitir o conteúdo	3,95	0,96	4
9	Dar feedback rápido	3,86	0,95	4
10	Utilizar e-mail, Google <i>Classroom</i> , etc.	3,7	0,99	4
11	Ser bem-humorado e simpático	3,65	0,99	4
12	Empregar plataformas de mensagens instantâneas com o recurso de comunicação	3,63	1,07	4
13	Utilizar software para prática	3,49	0,93	3
14	Ser exigente e desafiador	3,24	0,73	3
15	Ter tom de voz agradável	3,22	1,29	3
16	Integrar o uso da internet nas aulas e autorizar seu uso pelos alunos	3,13	0,99	3
17	Utilizar vídeos nas aulas	2,87	0,92	3
18	Vestir-se bem ou ser elegante	2,03	0,93	2
19	Ter beleza física	1,32	0,56	1

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Verifica-se que a capacidade de explicar (clareza nas explicações) aparece como a característica mais relevante, seguida pelo conhecimento da teoria (domínio do conteúdo). Dessa forma, analisando as características isoladamente, observa-se que bons professores são aqueles que, além de possuir a capacidade de explicar, detêm conhecimento teórico e domínio do conteúdo.

Um estudo realizado pela Deloitte Global (2021) mostra resultados semelhantes, indicando que estudantes da Geração Z apontam como características de bons professores aquelas habilidades capazes de gerar experiências que os preparem para o mundo real, incluindo estágios, projetos interdisciplinares e oportunidades de liderança.

Bühler (2010), por meio de estudo etnográfico com professores considerados bons em escolas brasileiras, destaca práticas pedagógicas que combinam conhecimento teórico-prático e relacionamento interpessoal empático, fatores também aplicáveis na área de Administração.

De forma similar, uma pesquisa realizada com estudantes brasileiros de Ciências Contábeis revelou resultados convergentes, ao identificar que, entre cinco competências avaliadas — didática, conhecimento teórico, experiência de mercado, exigência e relacionamento —, o relacionamento foi a competência que recebeu a menor média. Por outro lado, a didática e o conhecimento do professor foram destacados como os aspectos mais valorizados (Gradvohl *et al.*, 2009). Esses achados reforçam a ideia de que, para ser um bom professor, não basta apenas manter um bom relacionamento com os alunos; é imprescindível também desempenhar efetivamente a função docente por meio do ensino e da transmissão do conteúdo.

Esses resultados contribuem para a desconstrução do mito de que o professor mais popular é necessariamente o melhor docente. Embora os alunos valorizem o relacionamento pessoal com o professor, fica evidente que essa dimensão isolada não é suficiente para definir um bom professor: ser simpático e manter diálogo com os estudantes não basta se, em sala de aula, o conteúdo relevante e esperado por eles não for efetivamente transmitido.

Ao comparar estes resultados com estudos de outros autores, observa-se uma convergência estrutural com as descobertas de Lowman (2007) e Gradvohl *et al.* (2009), confirmando que o domínio de conteúdo e a didática formam a base da docência eficaz, independentemente da geração. Contudo, nossa pesquisa preenche uma lacuna importante ao demonstrar como a hierarquia dessas competências é reordenada pela Geração Z. Diferentemente de gerações anteriores, os dados aqui apresentados indicam que, para o estudante atual, a postura de ser respeitoso e amigável compete em importância quase direta com o domínio técnico.

As características físicas foram os atributos menos valorizados, incluindo beleza física, forma de se vestir, elegância e o uso de vídeos nas aulas. Nesse sentido, os achados da pesquisa convergem com os resultados de Albuquerque Filho *et al.* (2023), em que essas características também não se mostraram significativas na definição de um bom professor.

Por outro lado, diversos aspectos ligados ao domínio e à utilização da tecnologia foram bem avaliados pelos alunos. Por exemplo, o uso do e-mail figura entre os 15 itens mais valorizados. Outros aspectos relacionados à tecnologia incluem o uso de softwares práticos, a incorporação da internet nas aulas e a permissão para que os alunos utilizem computadores durante as atividades.

Após a análise de todas as variáveis de maneira isolada, realizou-se o Alfa de *Cronbach*, com a finalidade de analisar a consistência interna e a confiabilidade de cada um dos quatro fatores teóricos (planejamento, relacionamento etc.), garantindo que os itens de cada grupo medem o mesmo conceito, conforme demonstrado no Quadro 2:

Quadro 2 – Alpha de *Cronbach* (Características Bom Professor)

Grupo 1: Planejamento, Conhecimento e Didática (Habilidades Pedagógicas) (0,72)	Grupo 2: Relacionamento (Habilidades Interpessoais) (0,75)
Conhecimento da Teoria (domínio do conteúdo)	Ser respeitoso e Amigável
Capacidade de explicar (clareza nas explicações)	Ser atencioso, Compreensível e Paciente
3. Ligação entre teoria e prática	Dar <i>feedback</i> rápido
4. Demonstrar preparo antecipado para o desenvolvimento das atividades em sala	Ser bem-humorado e simpático
6. Capacidade de despertar interesse	
8. Entusiasmo para transmitir o conteúdo	
10. Ser exigente e desafiador	
Grupo 3: Tecnologia (Uso de Ferramentas Digitais) (0,78)	Grupo 4: Atributos Pessoais (0,55)
Utilizar e-mail, Google <i>Classroom</i> , etc.	Ter tom de voz agradável
Utilizar software para prática	Vestir-se bem ou ser elegante
Integrar o uso da internet nas aulas e autorizar seu uso pelos alunos	Ter beleza física
Utilizar vídeos nas aulas	
Empregar plataformas de mensagens instantâneas (<i>WhatsApp</i> , <i>Telegram</i> , <i>Messenger</i>) como recurso de comunicação	

Fonte: Elaboração Própria (2025)

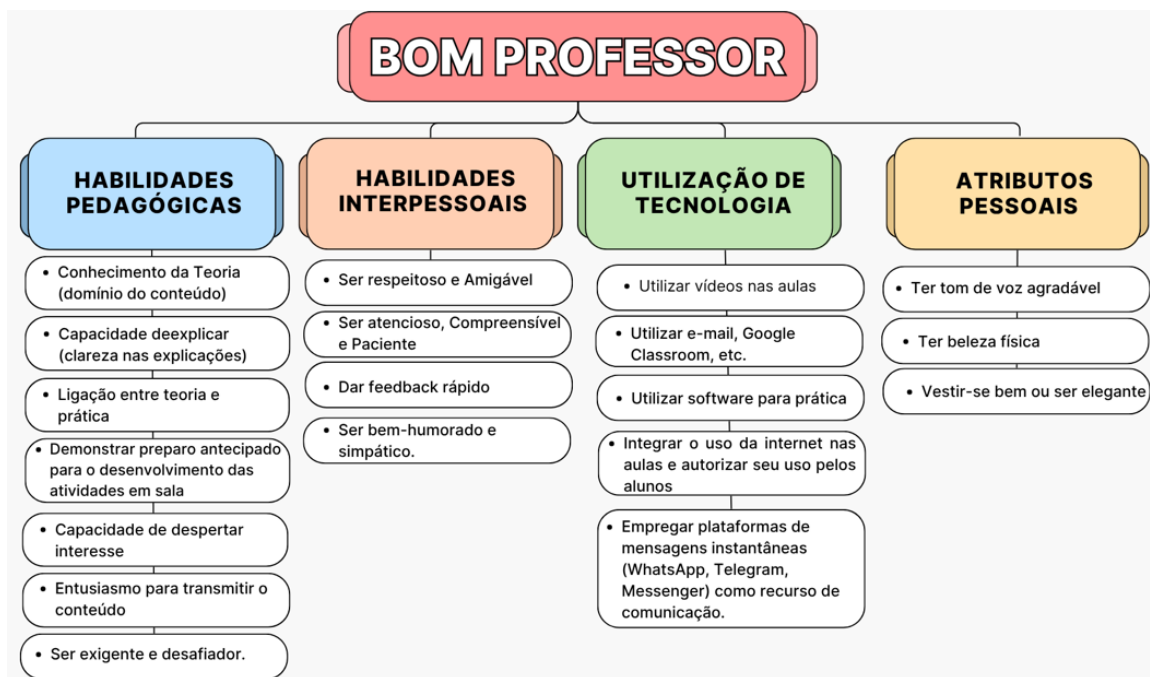
Como resultado desse teste estatístico, considera-se aceitável um coeficiente superior a 0,7 (Pallant, 2005; Hair *et al.*, 2005). Entretanto, alguns autores aceitam constructos com valores acima de 0,5.

Sob essa perspectiva, observa-se que os três primeiros constructos — planejamento, relacionamento e tecnologia — apresentaram confiabilidade interna com coeficientes superiores a 0,7. O último constructo, atributos pessoais, obteve resultados entre 0,5 e 0,6, valor

que pode ser considerado aceitável por alguns autores, embora questionado por outros.

Nesta pesquisa, optou-se por incluir os quatro constructos nas análises subsequentes, uma vez que todos atingiram o valor mínimo de 0,5 no teste de Alfa de Cronbach. Com base nesses resultados, o perfil do bom professor está sintetizado na Figura 2

Figura 2 – Características do Bom Professor (Alpha de Cronbach)



Fonte: Elaboração Própria (2025)

Na abordagem multidimensional proposta por Marsh (1991), características como clareza nas explicações e materiais bem elaborados estão agrupadas em um mesmo fator, denominado organização e clareza. Já os atributos pessoais, como ser amigável e atencioso, compõem um fator distinto, identificado também dentro do fator de comportamento individual, concordando com os achados desta pesquisa.

Essa ênfase no relacionamento interpessoal amplia as contribuições da literatura de Marsh (1991), sugerindo que, para a Geração Z, a sala de aula é, em grande parte, composta pelo aspecto emocional, em que o respeito constitui pré-requisito para a aprendizagem. A novidade trazida por este estudo reside na quantificação dessa demanda: o fator relacionamento explica uma parcela substancial da percepção de qualidade, indicando que a competência técnica isolada já não é suficiente para sustentar o título de “bom professor” para esses nativos digitais. Ademais, a correlação positiva significativa encontrada entre o gênero feminino e a valorização tecnológica (Tabela 8) introduz uma nova variável de análise, que estudos prévios generalistas não captaram, sugerindo que a personalização do ensino por meio da tecnologia

deve considerar também recortes de gênero.

Avançando na análise desses fatores para a compreensão da definição de bom professor, verifica-se que o fator relacionamento contribui para explicar aproximadamente 39% do perfil do bom docente. Esses resultados indicam que os universitários da Geração Z, caracterizados por preferirem o coletivo em detrimento da hierarquia (Lombardía *et al.*, 2012), atribuem grande importância às qualidades relacionadas ao relacionamento interpessoal dos professores, conforme apresentado na Tabela 5.

Outro fator relevante, que representa cerca de 6% da explicação do perfil do bom professor, está relacionado ao uso da tecnologia, posicionando-se como o terceiro fator de destaque. Considerando-se os três primeiros fatores — relacionamento; planejamento, conhecimento e didática; e tecnologia — observa-se que eles explicam conjuntamente cerca de 57% do perfil do bom professor (Tabela 5).

A inclusão da variável tecnologia no perfil do bom professor está alinhada às características da Geração Z, marcada por sua familiaridade e intimidade com recursos digitais (Pew Research Center, 2010). De acordo com Alves *et al.* (2021), essa geração nunca conheceu um mundo sem internet, e tecnologias como mídias sociais, dispositivos móveis inteligentes, computação em nuvem e Internet das Coisas fazem parte de sua rotina diária, influenciando diretamente seus padrões de aprendizagem no ensino superior.

No que se refere aos testes de correlação de *Spearman*, a Tabela 7 apresenta as correlações entre diferentes variáveis de perfil dos respondentes (como gênero, curso, tipo de escola, período e faixa etária) e os quatro fatores: Fator Didática, Fator Relacionamento, Fator Tecnologia e Fator Atributos Pessoais.

Tabela 7 – Coeficiente de Correlação (*Spearman*)

Perfil	Fator Didática	Fator Relacionamento	Fator Tecnologia	Fator Pessoais
Gênero (Feminino)	0.207	0.248	0.345**	0.192
Gênero (Masculino)	-0.207	-0.248	-0.345**	-0.192
Curso (Administração)	0.136	0.160	0.204	0.156
Curso (Economia)	-0.136	-0.160	-0.204	-0.156
Escola (Pública)	-0.051	-0.062	-0.055	-0.102
Escola (Particular)	0.051	0.062	0.055	0.102
Período (1º ao 3º)	0.175	0.132	0.188	0.112
Período (4º ao 6º)	-0.112	-0.007	-0.105	0.006
Período (7º ao 9º)	-0.102	-0.170	-0.127	-0.159
Faixa Etária (Menos de 18)	0.110	0.090	0.088	0.106
Faixa Etária (18 a 20)	0.069	0.139	0.222	0.069
Faixa Etária (21 a 23)	0.007	-0.198	-0.261*	-0.154
Faixa Etária (24 a 25)	-0.032	0.181	0.112	0.170
Faixa Etária (26 a 30)	-0.278*	-0.229	-0.185	-0.146

Nota: * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Fonte: Elaboração Própria (2025)

Os valores apresentados representam os coeficientes de correlação de *Spearman*, que variam entre -1 e 1 . Valores próximos de 1 indicam correlação positiva forte, enquanto valores próximos de -1 indicam correlação negativa forte.

A notação com asteriscos (por exemplo, $0,345^{**}$) indica significância estatística. Em relação ao gênero, observa-se que o feminino apresentou correlação positiva com todos os fatores, especialmente com o Fator Tecnologia ($0,345^{**}$), sugerindo que estudantes do gênero feminino tendem a valorizar mais o uso da tecnologia no ensino. Já o gênero masculino apresentou os mesmos valores com sinal invertido, o que era esperado.

No que se refere ao curso, os alunos de Administração mostraram correlação levemente positiva com todos os fatores, com destaque para o Fator Tecnologia ($0,204$), que, embora não marcado como significativo, ainda se apresenta positivo. Em contraponto, os alunos de Economia apresentaram correlação negativa.

Quanto ao tipo de escola, os coeficientes observados são baixos, indicando pouca ou nenhuma associação entre o tipo de escola de origem (pública ou privada) e os fatores analisados. Esses resultados convergem com os achados de Oliveira e Ferreira (2019), que indicaram diferenças sutis, porém não significativas, entre grupos. Observou-se que alunos oriundos de escolas privadas valorizaram mais a integração entre teoria e prática, enquanto aqueles provenientes de escolas públicas destacaram dinamismo e respeito do docente.

Em termos gerais, as percepções convergem, evidenciando uma visão relativamente homogênea sobre o perfil do docente ideal.

Em relação ao período em que os alunos estão matriculados, os respondentes do início do curso (1º ao 3º período) apresentaram correlação mais positiva com os fatores, especialmente com o Fator Didática (0,175) e o Fator Tecnologia (0,188). Já os alunos do final do curso (7º ao 9º período) mostraram correlações negativas, principalmente com o Fator Relacionamento (-0,170) e o Fator Atributos Pessoais (-0,159). Esses resultados sugerem que estudantes mais novos tendem a ser mais receptivos aos estilos de ensino e ao uso de tecnologia, enquanto os mais avançados no curso apresentam maior criticidade ou exigência.

Quanto à faixa etária, os alunos entre 18 e 20 anos apresentaram correlações levemente positivas com o Fator Tecnologia, sem destaque relevante entre os demais fatores analisados. Esses achados corroboram os resultados de Chowdhury *et al.* (2023), que afirmam que estudantes da Geração Z são geralmente otimistas quanto aos benefícios da tecnologia na aprendizagem, reconhecendo seu potencial para personalizar o ensino e aumentar a produtividade e eficiência.

De forma geral, as correlações se mostraram baixas ou moderadas, como se espera em pesquisas voltadas ao comportamento e percepção, conforme assinala Kraus (1995). O único valor destacado como estatisticamente significativo foi a correlação entre gênero feminino e o Fator Tecnologia, indicando uma percepção mais positiva das mulheres quanto ao uso da tecnologia em sala de aula.

Além disso, estudantes mais jovens e em períodos iniciais demonstram uma tendência mais positiva em relação aos fatores avaliados. Isso reforça a ideia de que alunos mais jovens tendem a apresentar percepções mais abertas a experiências acadêmicas, como o uso da tecnologia e modelos de aprendizagem híbridos (Princes *et al.*, 2024).

Essa tendência é ainda evidenciada por Hetl (2017):

“Tendências qualitativas indicam que estudantes mais jovens e em fases iniciais do curso demonstram percepções mais positivas ou maior abertura às experiências acadêmicas, o que contrasta com estudantes maduros, cujo foco recai sobre demandas externas à universidade” (HETL; *New Directions in the Teaching of Physical Sciences*, 2017).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos resultados permitiu inferir que algumas características fundamentais do bom professor, como conhecimento e didática, permanecem constantes ao longo do tempo. No entanto, evidenciam-se demandas específicas das novas gerações, especialmente da Geração Z, por posturas docentes mais próximas, horizontais e menos hierárquicas — aspecto refletido na

valorização do constructo relacionamento. Além disso, observa-se uma expectativa crescente quanto à incorporação de tecnologias no ambiente de ensino.

Neste contexto, o gênero feminino apresentou correlação positiva com todos os fatores, especialmente com o Fator Tecnologia (0,345**), indicando que estudantes do gênero feminino tendem a valorizar mais o uso da tecnologia no ensino. Já o gênero masculino apresentou os mesmos valores com sinal invertido, o que era esperado.

Para determinar a influência de cada um dos fatores na definição do perfil do bom professor, poderiam ser empregadas análises estatísticas mais robustas, como regressão múltipla ou modelagem por equações estruturais. Contudo, em razão de limitações relacionadas ao tamanho da amostra e à fragilidade da fundamentação teórica consolidada para alguns constructos, como as características físicas, optou-se por não avançar nesse tipo de análise nesta etapa da pesquisa. Dessa forma, abrem-se perspectivas para investigações futuras.

Como contribuição teórica, este estudo amplia a compreensão sobre o perfil do bom professor no contexto do ensino superior, ao incorporar a perspectiva da Geração Z, ainda pouco explorada na literatura nacional. Os resultados reforçam que, embora atributos tradicionais, como conhecimento e didática, permaneçam essenciais, aspectos relacionais e o uso consciente das tecnologias assumem papel cada vez mais relevante.

No campo prático, a pesquisa oferece subsídios para docentes e gestores acadêmicos refletirem sobre estratégias pedagógicas mais alinhadas às expectativas dos estudantes contemporâneos, contribuindo para o aprimoramento das práticas de ensino e para o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem nas instituições de ensino superior.

Diante disso, recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem a compreensão sobre as dinâmicas de comportamento e relacionamento entre docentes e estudantes da Geração Z. O objetivo é verificar, de forma mais sistemática, a relevância atribuída ao relacionamento interpessoal no processo de ensino-aprendizagem, considerando a possibilidade de que os estudantes valorizem um modelo de atuação docente mais colaborativo e participativo, no qual o professor se posicione como parceiro na construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE FILHO, A. R. *et al.* Características do professor ideal e desempenho acadêmico: percepção dos discentes de contabilidade e administração de uma instituição de ensino superior de Fortaleza/CE. *Revista Gestão e Organizações*, v. 8, n. 1, p. 64–89, 2023.

ALEAMONI, L. M. Student rating myths versus research facts from 1924 to 1998. *Journal of Personnel Evaluation in Education*, v. 13, n. 2, p. 153–166, 1999.

ALVES, N. B.; XAVIER, G. C.; SOUZA, J. C. The use of digital technologies in the learning processes of Generation Z in higher education. arXiv preprint, arXiv:2111.05991, 2021. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2111.05991>. Acesso em: 23 ago. 2025.

AMARAL, P. F.; CARDOSO, R. L.; BENEDICTO, G. C.; CASSARO, M. C. A. Ensino-aprendizagem na área de Educação Contábil: uma investigação teórico-empírica. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6., 2006, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2006.

BARROS, V. C. *et al.* Tecnologia que ensina: o papel dos recursos multimídias na educação contemporânea. *Missioneira*, v. 27, n. 6, p. 225–233, 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Censo da Educação Superior 2010: resumo técnico. Brasília, 2012.

CAMFIELD, E. K.; BAYER, L. *Shifting the Stories to Support Gen Z Students. Journal of the Scholarship of Teaching and Learning*, v. 23, n. 2, 2023

CECCHETTINI, E. E. B. Introdução. In: VERAS, M. (org.). Inovação e métodos de ensino para nativos digitais. São Paulo: Atlas, 2011.

CHAN, C. K. Y.; LEE, Katherine K. W. *The AI generation gap: Are Gen Z students more interested in adopting generative AI such as ChatGPT in teaching and learning than their Gen X and millennial generation teachers? Smart Learning Environments*, v. 10, article 60, 2023. DOI: 10.1186/s40561-023-00269-3

CHISM, N. V. N. Teaching awards: what do they award? *The Journal of Higher Education*, v. 77, n. 4, p. 589–617, jul./ago. 2006.

CHOWDHURY, G. G.; CHOWDHURY, S.; GHOSH, S. GenAI in higher education: perspectives of Generation Z students on opportunities and challenges of using generative AI tools. arXiv preprint, arXiv:2305.02878, 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2305.02878>. Acesso em: 20 ago. 2025.

CRUZ, A. P. C. *et al.* Quais atributos definem um bom professor? Percepção de alunos de cursos de ciências contábeis ofertados no Brasil e em Portugal. *Revista Ambiente Contábil – UFRN*, v. 9, n. 1, p. 163–184, jan./jun. 2017.

CUNHA, J. V. A.; CORNACHIONE JUNIOR, E. B.; DE LUCA, M. M. M.; OTT, E. Modéstia de alunos de graduação em Ciências Contábeis sobre o desempenho acadêmico: uma análise pela ótica da teoria da autoeficácia. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 10., 2010, São Paulo. Anais [...]. São Paulo: USP, 2010.

DELOITTE Global. *The Deloitte Global 2021 Millennial and Gen Z Survey: A call for accountability and action*. 2021. Disponível em:

<https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/global/Documents/2021-deloitte-global-millennial-survey-report.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2026.

FARIAS, G.; FARIAS, C. M.; FAIRFIELD, K. D. Teacher as judge or partner: the dilemma of grades versus learning. *Journal of Education for Business*, v. 85, p. 336–342, 2010.

FAVERO, L. P.; BELFIORE, P.; SILVA, F. L.; CHAN, B. L. *Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

FEIERTAG, J.; BERGE, Z. L. Training Generation N: how educators should approach the Net Generation. *Education + Training*, v. 50, n. 6, p. 457–464, 2008.

GRADVOHL, R. F.; LOPES, F. F. P.; COSTA, F. J. O perfil do bom professor de contabilidade: uma análise a partir da perspectiva de alunos de cursos de graduação. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 9., 2009, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: USP, 2009.

GREENWALD, A. G.; GILLMORE, G. M. Grading leniency is a removable contaminant of student ratings. *American Psychologist*, v. 52, n. 11, p. 1209–1217, 1997.

HAIR JR., J. F. *et al.* *Análise multivariada de dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.
HETL. Age and students' approaches to learning at university. Higher Education Teaching and Learning Portal, ano não informado. Disponível em: <https://www.hetl.org/age-and-students-approaches-to-learning-at-university/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

IBGE. Jovens que trabalham e estudam no Brasil: dados da PNAD Educação. Agência Brasil, 13 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2024/03/brasil-tem-96-milhoes-de-jovens-sem-estudar-nem-trabalhar-aponta-pnad.shtml>. Acesso em: 15 jun. 2025.

KATENDE, D.; NAMUTEBI, E. *Relevance of Students' Evaluation of Teacher Characteristics for Quality Teaching at Mountains of the Moon University*. *International Journal of Research and Innovation in Social Science*, 2024.

KRAUS, S. J. Attitudes and the prediction of behavior: a meta-analysis of the empirical literature. *Personality and Social Psychology Bulletin*, v. 21, n. 1, p. 58–75, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0146167295211007>.

KEMSHAL-BELL, G. The online teacher: final report prepared for the Project Steering Committee of the VET Teachers and On-line Learning Project, ITAM, ESD, TAFENSW. Department of Education and Training, TAFE NSW, 2001.

KLAFKE, R.; DE OLIVEIRA, M. C. V.; FERREIRA, J. M. The Good Professor: a comparison between public and private universities. *Journal of Education*, v. 200, n. 1, p. 62–70, ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0022057419875124>. Acesso em: 19 ago. 2025.

LOBREGATTE, P. Mais de 70% dos universitários fizeram ensino médio público. Agência Brasil, 16 jun. 2025. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2025/06/16/mais-de-70-dos-universitarios-fizeram-ensino-medio-publico/>. Acesso em: 25 jul. 2025.

LOMBARDÍA, P. G.; STEIN, G.; PIN, J. R. Políticas para dirigir a los nuevos profesionales: motivaciones y valores de la generación Y. Barcelona: IESE, Business School, 2008. Disponível em: <http://www.iese.edu/research/pdfs/DI-0753.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

LOWMAN, J. Dominando as técnicas de ensino. São Paulo: Atlas, 2007.

MARSH, H. W. Multidimensional student's evaluations of teaching effectiveness: a test of alternative higher-order structures. *Journal of Educational Psychology*, v. 83, n. 2, p. 285–296, 1991.

MARSH, H. W.; HATTIE, J. The relation between research productivity and teaching effectiveness: complementary, antagonistic or independent constructs? *The Journal of Higher Education*, v. 73, n. 5, p. 603–641, set./out. 2002.

MCALISTER, A. Teaching the millennial generation. *American Music Teacher*, v. 40, n. 3, p. 13–15, 2009.

MEIRINHOS, M. Os desafios educativos da geração Net. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, n. 13, p. 125–129, 2015.

NEW DIRECTIONS IN THE TEACHING OF PHYSICAL SCIENCES. Student perceptions of quality in higher education: effect of year of study, gender and ethnicity. *New Directions in the Teaching of Physical Sciences*, v. 12, n. 1, 2017.

OECD. Students, computers and learning: making the connection. Paris: OECD, 2015.

PALLANT, J. SPSS survival manual. 2. ed. Chicago: Open University, 2005.

PAN, D. *et al.* Profiling teacher/teaching using descriptors derived from qualitative feedback: formative and summative applications. *Research in Higher Education*, v. 50, n. 1, p. 73–100, 2009.

PERRENOUD, P. 10 novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PEW RESEARCH CENTER. Millennials: confident, connected and open to change. 2010. Disponível em: <http://pewsocialtrends.org/files/2010/10/millennials-confident-connected-open-to-change.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PLUTARCO, F. F.; GRADVOHL, R. F. Competências dos professores de administração: a visão dos alunos de cursos de graduação. In: ENCONTRO DA ANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.

PRENSKY, M. Digital natives, digital immigrants. *On the Horizon*, v. 9, n. 5, p. 1–6, 2001.

QUANSAH, F.; COBBINAH, A.; ASAMOAH-GYIMAH, K.; HAGAN JR, J. E. *Validity of student evaluation of teaching in higher education: a systematic review*. *Frontiers in Education*, v. 9, art. 1329734, 2024

REICHEL, N.; ARNON, S. A multicultural view of the good teacher in Israel. *Teachers and Teaching: Theory and Practice*, v. 15, n. 1, p. 59–85, fev. 2009.

SÁNCHEZ-ALTAMIRANO, Fernando Rogelio; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, Enrique Miguel. *Learning preferences in Generation Z college students*. *Revista Electrónica Educare*, Carretera a Masaya km 13 1/2, Nicaragua, v. 29, n. 2, p. 1–16, 2024. DOI: 10.15359/ree.29-2.19996. Disponível em: <https://doi.org/10.15359/ree.29-2.19996>. Acesso em: 15 jan. 2026.

SANTANA DE CERQUEIRA, L. Habilidades necessárias para ministrar aulas na docência superior. *Revista PMBA em Foco: Ciência Policial e Cidadania*, v. 3, n. 1, p. 149–161, 2025. Disponível em: <http://www.revistapmbaemfoco.pm.ba.gov.br/index.php/emfoco/article/view/94>. Acesso em: 22 ago. 2025.

VELOSO, E. F. R.; DUTRA, J. S.; NAKATA, L. E. Percepção sobre carreiras inteligentes: diferenças entre as gerações Y, X e baby boomers. In: ENCONTRO DA ANPAD, 32., 2008, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

WHALE, D. Technology skills a criterion in teacher evaluation. *Journal of Technology and Teacher Education*, v. 14, n. 1, p. 61–74, 2006.

WORLEY, K. Educating college students of the Net Generation. *Adult Learning*, v. 22, n. 3, p. 31–39, 2011. DOI: 10.1177/104515951102200305
